

TRANSJARDINAGEM: PERFORMANCE COMO PAISAGEM RADICAL PARA ARQUIVO VIVO TRANS

Ian Guimarães Habib (Universidade Federal da Bahia – UFBA)¹

RESUMO

Este artigo visa apresentar a metodologia da Transjardinagem, no Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), explorando a forma com que esta ferramenta pode nos permitir lançar foco sobre campos importantes nas discussões de performatividades e transontocosmoepistemologias, como 1) a importância da Performance e suas paisagens radicais na formação de arquivo vivo trans, 2) a necessidade de (re)escrita histórica corpo e gênero variante e 3) o papel da transformação corporal na desarticulação do ódio destinado a pessoas trans através de imagens metamórficas. Por meio de tal metodologia, serão analisados dois documentos, um de 1897 e um de 1939, duas ocorrências envolvendo pessoas gênero inconformes AFAB (*assigned female at birth*). Outro tema central à criação de arquivo trans é o papel da Transtemporalidade na historicização da cisgeneridade, na contestação histórica e na interrogação das atribuições cisheteronormativas de anacronismos ao pensamento trans. Mostrarei que a invenção, o deboche e a radicalidade na Performance são forças agentivas de corte anti-colonial às tentativas cisheteronormativas, brancas e capazes de reiteração de domínio epistêmico sobre Arquivos.

PALAVRAS-CHAVE

Performance; Arquivo vivo; História transgênera; Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA); Transjardinagem.

ABSTRACT

This article aims to present the methodology of Transgardening at the Transgender Museum of History and Art (MUTHA), exploring how this tool can allow us to shed focus on important fields in the discussions of performativities and transontocosmoepistemologies, such as 1) the importance of Performance and its radical landscapes in the formation of trans living archives, 2) the need for body and gender

¹Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Dança; Mestrado; Fernando Marques Camargo Ferraz; Capes/CNPQ; Artista Cênico.

variance historical (re)writing and 3) the role of body transformation in the disarticulation of hate aimed at trans people through metamorphic images. Through this methodology, two documents will be analyzed, one from 1897 and one from 1939, two occurrences involving AFAB(assigned female at birth) gender nonconforming people. Another central theme in the creation of trans archives is the role of Transtemporality in the historicization of cisgenderness, in the historical contestation and in the interrogation of the cisheteronormative attributions of anachronisms to trans thought. I will show that invention, debauchery and radicalism in Performance are agentive forces with an anti-colonial approach to cisheteronormative, white and able-bodied attempts of reiterating an epistemic domain over Archives.

KEYWORDS

Live Archive; Transgender History; Transgender Museum of History and Art (MUTHA); Transgardening.

TRANSJARDINAGEM

Este artigo pretende traçar a performance (SCHECHNER, 2013; BUTLER, 2008) como paisagem radical na exploração de arquivos vivos trans. Para tal, não desejo propor uma historiografia clássica ou uma Transarqueologia – desejo extrapolar aqui a produção de análises de um arquivo corpo e gênero diverso, sendo a arqueologia não um “parente nem da geologia (como análise dos subsolos), nem da genealogia (como descrição dos começos e das sucessões); ela é a análise do discurso em sua modalidade de arquivo.” (FOUCAULT, 2000, p. 72). Desejo propor uma espécie de jardinagem, o menos irrefutável possível.

O jardim em um Transparaíso é uma das paisagens radicais da transformação corporal que proponho com o intuito de romper o pacto colonial na escrita de memórias. Caminhar, irrigar, capinar e existir em jardins-paraísos-catastróficos-tropicais. A produção de um jardim-paraíso combina, na coexistência entre presente, passado e futuro, movimentos climáticos, objetos abandonados, plantas curativas, ferramentas, horticultura multiespecífica e Transespecífica, cipós dispostos esculturalmente, caminhos que duram o tempo dos próprios passos, pederneiras, buracos, cascalhos, brotos, conchas, arbustos, troncos, rastros desenhados por humanos e mais-que-humanos, formações mágicas de pedras, e fluxos polinizadores, simbióticos ou invasivos. As imagens de jardins que se inscrevem sobre ruínas em regiões inóspitas foram as melhores alternativas que consegui criar como incentivos,

ferramentas e alternativas à (re)escrita histórica sobre vivências corpo e gênero variantes no Brasil. Como se faz memória, partindo da catástrofe?²

Uma Transjardinagem é uma jardinagem que objetiva:

Resgatar memórias das ruínas de séculos de destruição; investir em (re)escritas históricas de processos que foram apagados desde o período colonial, suprimidos pela ditadura³ brasileira em outras configurações e perduram como tentativas de extermínio até os tempos atuais; criar um arquivo brasileiro sobre História e Arte corpo e gênero diversa⁴; apresentar processos artísticos como importantes produtores corporais; valorizar memórias e produções artísticas dessas existências, que não são ainda validadas e visibilizadas em espaços de produção de conhecimento; discutir ontoepistemologias corpo e gênero diversas nas artes; fomentar novos modos de vida em paisagens em ruína; celebrar a imaginação; destruir, por vezes, o que for preciso; produzir uma ética citacional desse grupo e das pessoas desse grupo que o pesquisam é uma das ferramentas de justiça epistêmica anti-colonial e de tracejo histórico das nossas vivências e produções; produzir suportes para debates sobre diversidade de gênero e suas interseccionalidades⁵, como processos étnico-raciais, deficiência, classe, sexualidade, e outros; criar paisagens radicais para outros futuros.⁶

Criei essa metodologia para utilizá-la como ferramenta de pensamentos sobre arquivos corpo e gênero variantes no Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), obra artística criada por mim no ano 2020. Além de ser uma obra, o MUTHA é uma iniciativa de formação de arquivo, que:

Coleta histórias reais e/ou semi-ficcionais sobre pessoas corpo e gênero diversas heroínas e transcestrais, através de memórias transmitidas por variadas comunidades; apresentação de fatos históricos registrados academicamente pela cisgeneridade sobre pessoas corpo e gênero diversas heroínas e transcestrais publicados em pesquisas em periódicos científicos ou revistas de alta circulação, que precisem de (re)escrita histórica, em formas que disputem omissões, invisibilidades e destruições de arquivo, apontem equívocos e sugiram transformações; histórias transgêneras contemporâneas - e/ou histórias de suas comunidades e grupos com os quais vivem ou viveram, que se relacionem com a memória e a produção cultural corpo e gênero diversa - reais, ficcionais e semi-ficcionais; aspectos da história de pessoas corpo e gênero diversas, da suas existências e das existências de sua

² HABIB, Ian Guimarães. **Corpos Transformacionais**: a transformação corporal nas artes da cena. 2021. 253 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Dança, Salvador, 2021. No prelo.

³Um trecho do meu trabalho sobre a censura histórica a corpos trans pode ser ouvido no NUCUSPOD, produzido pelo NuCuS/UFBA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b_53YCUlxtg>. Acesso em: 03dezembro 2020.

⁴Um arquivo brasileiro sobre pessoas corpo e gênero diversas produzido por pessoas corpo e gênero diversas, e um arquivo sobre pessoas corpo e gênero diversas brasileiras.

⁵CRENSHAW, Kimberlé W. **On intersectionality**: Essential writings. Nova York, The New Press, 2017.

⁶HABIB, Ian Guimarães. **Corpos Transformacionais**: a transformação corporal nas artes da cena. 2021. 253 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Dança, Salvador, 2021. No prelo.

comunidades, como memórias sobre artistas, ativistas e outras pessoas membras de seu grupo social, vivas, falecidas ou assassinadas; aspectos da história dos movimentos político-sociais, ações coletivas e modos de vida comunitários transgêneros, registrados ou não academicamente; debates sobre História e Arte transgênera brasileira; debates em perspectivas anti-coloniais, étnico-raciais e transfeministas; destruição de arquivos de violência; exploração audiovisual de processos criativos ou obras artísticas, literárias e/ou intelectuais, criadas ou não em âmbito universitário, já apresentadas para a comunidade ou ainda inéditas.⁷

Um dos projetos do Museu Transgênero de História e Arte é o Arquivo Histórico MUTHA, do qual retirei os dois arquivos que pretendo aqui analisar. A Transjardinagem é um processo de transformação de jardins que considera Transtemporalidades – “as infinitas temporalidades da transformação corporal, em que diferentes movimentos temporais agem diferencialmente sobre matérias.”⁸ Eu pretendo, assim, não apresentar um produto genealógico, arqueológico ou historiográfico, mas fornecer algumas pistas para continuidade para a árdua tarefa de produção de um arquivos corpo e gênero variantes. Esta investigação marca algumas perguntas: Onde estão as pessoas gênero inconformes AFAB⁹ (*assigned female at birth*) na História? E, particularmente, onde estão homens trans, pessoas transmasculinas e/ou gêneros inconformes na História das Artes? Quais as relações que se pode estabelecer entre performatividades de gênero e arquivo? Como essas relações modificam formas de encarar arquivos vivos trans? No presente texto, esse grupo será especialmente por mim focalizado.

Partindo da curiosidade suscitada pelos estudos de Juno Nedel Mendes de Aguiar, que tiveram intuito de “investigar os discursos e práticas institucionais médico-científicas em relação às pessoas trans e gênero-diversas entre os anos de 1949-1959” (AGUIAR, 2020, p. 21), e que tomaram “como ponto de partida o caso de Mário da Silva, rapaz que protagonizou a primeira cirurgia de redesignação sexual da qual se tem registro no Brasil, em 1959” (ibidem), encorajei-me a vasculhar a existência de outros registros a esse semelhantes, principalmente desejando traçar uma possível História da Arte Trans. Meu objetivo inicial era compreender como os mesmos aparatos discursivos e práticas biotecnocientíficas agem em conjunto visando o apagamento dessas existências – que são inconformes à cisheteronorma por eles engendrada, mas visibilizadas diferencialmente em relação à outros grupos gênero diversos –, visto que

⁷HABIB, Ian Guimarães. **Corpos Transformacionais**: a transformação corporal nas artes da cena. 2021. 253 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Dança, Salvador, 2021. No prelo.

⁸ Idem. p. 122.

⁹ Pessoas assignadas como mulher no nascimento.

esse maquinário produz nas mídias narrativas não a ausência, já que registros delas e escândalos por elas suscitados existem em altas quantidades e são capazes de romper as lógicas cotidianas em inúmeros graus, como demonstrarei em breve, mas de camuflagem, barramento ou caractere-curinga.

Chamarei meu grupo focal de pessoas gênero inconformes AFAB, e essa escolha aponta para a minha primeira dificuldade. As nomenclaturas operam como etiquetas nos mecanismos de busca em acervos de bibliotecas e outras instituições. Essas categorias, assim como as identidades a que se referem, são altamente transformacionais. Onde plantar? Como? Esse problema me levou à constatação de que a cisheteronorma operou politicamente: 1) nomenclaturas cisheteronormativas referentes a esse grupo ao longo da História, o que chamarei de caractere-curinga. O curinga é aquela carta que, em alguns baralhos, muda de valor conforme posicionalidade e combinação, por ser improvisacional, polivalente e multifuncional – uma estratégia que significa “matar” (FERREIRA, 1986, p. 512), conforme *kuringa*, sua etimologia africana quibundo. O curinga é também o que ri (ou o risível), o que engana, o caótico, a loucura. O caractere-curinga ocorre quando o todo é suposto por fragmentos, como em “bucet*”; quando há objetificação por omissão ou lacuna interrogativa, como em “isso”, “a coisa”, “isto”, ou seja, “?”; quando a palavra não se encontra documentada ou materializada de forma alguma, como em nomes civis ou sociais ausentes – a pessoa, quando chega a ser pessoa, não é nomeada ou identificada, como em “ela”, “aquela pessoa”, “a senhora”, “***** + verbo”; 2) criação de camuflagens, que tornam a vivência objetificada indistinta ou irrisória no ambiente narrativo que a atravessa; 3) a criação de nomenclaturas, como em insultos ou borramento categórico em classificações de identidades homossexuais, travestis, transformistas, *crossdressers*, dentre outras, seguida por definições seletivas das mesmas segundo posição discursiva, local, *acontecimento*.

Essas são três das inúmeras ferramentas às quais se deve resistir para efetuar o processo de capino e limpeza do jardim-paraíso que levará à produção de arquivos. Mas o que essas operações políticas categóricas refletem sobre o apagamento das exponenciais vivências de gênero performadas¹⁰? Com as duas produções discursivas que apresentarei aqui, mostrarei que há inúmeras manifestações identitárias históricas corpos e gêneros diversas no Brasil, que são descontínuas (FOUCAULT, 2000, p. 72) às

¹⁰BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

contemporâneas, visto que o paradigma central do Corpo Transformacional é transformar-se – e rastreá-las é recuperar suas transformabilidades históricas cativas e enfrentar os mecanismos de apagamento.

A dificuldade de localizar na História brasileira pessoas AFAB inconformes às binariedades de gênero se deve não à ausência de um movimento social organizado por essas vivências nos períodos discursivos que apresento, mas por uma série de fatores que devem ser examinados em conjunto. Se trato com tanto afinco das nomeações, não é por uma necessidade de me fixar na necessidade de categorizações, visto que as categorias de identidade sempre serão insuficientes para tratar da vastidão das experiências dos gêneros, mas é, antes, para afirmar que os nomes das pessoas trans* não são materializados nos noticiários desde o período colonial até a contemporaneidade. Mesmo ao serem, por exemplo, censurados. No período em que ocorreu a censura institucional de meu corpo em minha performance solo Sebastian (2018), durante o festival de teatro FITUB, em Santa Catarina, mais de dez mídias veicularam o fato. Mas nenhuma delas citou o meu nome¹¹. Como se escreve sobre a censura de um espetáculo solo sem citações do nome do único performer? Da mesma forma que a cisheteronormatividade procede desde a invasão colonial: efetuando inúmeros apagamentos, omissões, seleções reguladas ou incoerências. Igualmente, esses nomes não são visibilizados em manuais médicos dos quais foram objetos de estudo, como os da década de 1950 (AGUIAR, 2020). Essas inquietações me levam a afirmar que antes de (re)escrever nossa História é preciso lutar pela nossa nomeação. O problema da não nomeação reverbera em certos problemas teóricos, artísticos e históricos, que integram a pauta das discussões políticas e sociais atuais de invisibilização brasileira homens trans, pessoas transmasculinas e/ou inconformes às binariedades de gênero.

No preparo do solo, é preciso que se proceda a mais importante operação: uma (re)escrita histórica como *ferramenta criativa*, com intuito de *disputar* omissões, destruições de arquivo e apagamentos, demonstrando cisheteronormatividades em fatos registrados pela cisgeneridade branca, que recusou efetuar procedimentos para a historicização da própria cisgeneridade – um ato de perpetuação social, política e econômica de sua hegemonia epistêmica. A (re)escrita deve levar em consideração tratamentos de mudanças de pH cuidadosos. Esse problema me levou aos seguintes

¹¹ Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/fernanda-nasser/cancelamento-de-peca-de-teatro-gera-polemica-em-gaspar>>. Acesso em 10 Jan 2021.

tratamentos de solo: 1) Existiram inúmeras identidades de gênero inconformes às binariedades dos binômios sexo/gênero no Brasil, diferentes das contemporâneas, e algumas vezes nomeadas, outras não nomeadas. A existência de inúmeras identidades de gênero ao longo da História é apenas um dos motivos pelos quais certas narrativas semelhantes à “mulheres heroínas que viveram vestidas como homens”, dentre outras, possam ser disputadas como narrativas corpo e gênero inconformes, depois de vasta análise; 2) Narrativas nomeadas pela cisheteronormatividade como “travestimentos” abordavam diferentes configurações de produção corporal nas performatividades¹² generificadas em pessoas gênero inconformes. Elas podem, então, ser disputadas, em alguns casos, como vivências corpo e gênero inconformes às normas binárias, principalmente considerando que o vestuário sempre foi um dos principais recursos de produção corporal; 3) Narrativas biologizantes, que atribuem forçosamente a categoria parcial ou única de “mulher” à pessoas AFAB inconformes às binariedades de gênero também devem ser disputadas como narrativas corpo e gênero inconformes; 4) Narrativas que tem sido classificadas pela cisnormatividade como homossexuais lésbicas, mas nas quais se possa ter indícios de inconformidade, também podem ser disputadas, em alguns casos, como vivências de pessoas AFAB inconformes às binariedades de gênero; 5) A Transjardinagem deve também levar em conta a cisheteronormatividade em relação a estruturas falocêntricas e ao tratamento oferecido às mulheres ao longo do tempo. Considerar que essas estruturas (re)assignam como “mulheres” homens trans, pessoas transmasculinas e/ou inconformes às binariedades de gênero a todo instante, pode ser um útil fator para compreender, por exemplo, a ausência de uma História das Artes composta e escrita por essas pessoas. No campo do Teatro, por exemplo, as mulheres foram impedidas de entrar em cena até o século XVIII, com sanções que perduraram até muito tempo depois.

Após o preparo do solo, temos a escolha das plantas. A escolha das plantas leva em consideração todas as variáveis até aqui tratadas, e é sempre relacional. Num jardim-paráiso nada é fixo ou está dado por antecedência, e nenhuma das variáveis é independente umas das outras ou independente dos sistemas¹³ e relações de poder e saber aos quais estão circunscritas, por isso é necessário que se considere seus meios de produção. O arquivo não é nem grupo de documentos recolhidos por uma cultura como

¹²BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

¹³ Sistema cisheteronormativo.

testemunho e memória do seu passado, nem as instituições que tem como ocupação a sua conservação (FOUCAULT, 2010). O arquivo é o conjunto de leis do que pode ser dito, o [cis]tema que gere o surgimento e transformação de enunciados, sendo estes acontecimentos singulares (idem).

Enfim, no horizonte de todas essas pesquisas, talvez se esboça um tema mais geral: o do modo de existência dos acontecimentos discursivos em uma cultura. O que se trata de fazer aparecer é o conjunto de condições que regem, em um momento dado e em uma sociedade determinada, o surgimento dos enunciados, sua conservação, os laços estabelecidos entre eles, a maneira pela qual os agrupamos em conjuntos estatutários, o papel que eles exercem, a série de valores ou de sacralizações pelos quais são afetados, a maneira pela qual são investidos nas práticas ou nas condutas, os princípios segundo os quais eles circulam, são recalcados, esquecidos, destruídos ou reativados. Em suma, tratar-se-ia do discurso no sistema de sua institucionalização. Chamarei de arquivo não a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que puderam ser salvos de seu desastre, mas o jogo das regras que, em uma cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de *acontecimentos* e de coisas. Analisar os fatos de discurso no elemento geral de arquivo é considerá-los não absolutamente como *documentos* (de uma significação escondida ou de uma regra de construção), mas como *monumentos*; é - fora de qualquer metáfora geológica, sem nenhum assinalamento de origem, sem o menor gesto na direção do começo de uma archè - fazer o que poderíamos chamar, conforme os direitos lúdicos da etimologia, de alguma coisa como arqueologia. (FOUCAULT, 2000, p. 92).

É preciso que se considere igualmente a Transtemporalidade no plantio das sementes, em coexistência entre presente, passado e futuro (BERGSON, 1999). Isso indica a inscrição de operações temporais de diversas ordens nos discursos: simulações, projeções, criações, reinterpretações, omissões, repetições e fluxos. Por fim, temos a seleção de mudas, irrigação e manutenção do jardim-paraíso. Os dispositivos de arquivos estabelecem suas próprias estruturações e organizações de acontecimentos, temas e percursos em meios de produção e difusão dos discursos. As descrições dos arquivos, por sua vez, estão submetidas às leis de existência de enunciados e suas situações de emergência (FOUCAULT, 2000). A condição de produção e alteração de enunciados é definida pelas maneiras e limites: a) de dizibilidade, que define o domínio discursivo, ou seja, o que é possível falar; b) de conservação, que define quais os enunciados deixam ou não vestígios na memória; c) de memória, que define os processos de validação das inscrições dos enunciados em formações discursivas; d) da reativação, que define quais e como discursos serão reconstituídos; e) de apropriação, que define as disputas por domínios discursivos (idem).

METAMORPHOSES: A *ESPIGA-DE-MILHO* E A *MULHER-QUE-VIROU-HOMEM*

Em 1897, uma pessoa corpo e gênero diversa teve sua inconformidade de gênero fiscalizada e revelada por “um pai de família”. Após o fato, a pessoa espancou um inspetor de polícia e se tornou, mediante objetificação, uma espiga-de-milho. Esses jardins de espigas demonstram uma produção de atos corporais irreverentes à cisheteronorma, que terminaram na necessidade de desferir “bordoadas”:

DIA A DIA

A semana que finda é uma caixinha de surpresas. A mão da Providencia, para distrahir-nos o espírito, um a um tirou do desconhecido casos interessantes que a imprensa expoz da vitrine do noticiário.

Não quero fallar no aspecto do céopolítico que tanto preocupou a astrologos e a astrónomos. Observadores sagazes viãoalli um Ministro invisível a olhos desarmados, em quanto que contempladores ingenuos e de boa fé asseguravão que para o lado da justiça o céu estava vasio...

Deixemos, porém, assumpto tão alto, e tratemos de cousas mais modestas, não menos interessantes.

Entre a curiosidade desses sete dias figurão tres mudanças extraordinarias.

O *bond* n. 115, aquelle famoso *bond* que só andava para trás, certa noite, no Flamengo, mudou de tendencias, mudando de ares. Não é mais o *bond* do regresso; agora avança com denodo e pressa, e não ha motorneiro que o contenha. Ha dous dias, na sua sofreguidão em correr, deu um grande tombo em um companheiro, na linha do Cattete.

Deixando a linha do Flamengo, deixou a vida antiga; mas apezar disso continúa sempre um *bond* infeliz; ouve maldições quando pára, e maldições também se dispdra.

As outras duas metamorphoses são mais espantosas ainda: um homem virou mulher, e uma mulher virou homem.

Compensação!

O homem-mulher vestio saia, arranjou seios artificiaes e andou como cozinheira e criada de quarto! Felizmente o dono da casa conseguiu ter em mãos a prova da falsidade; e a mulher postiça que vestira o alheio, deixou na Policia o nome e o vestido femininos.

A mulher-homem encheu de admiração os povos e de bordoadas um inspetor.

Não sei se cheia de razões, mas carregada de espigas de milho, sovou com ellas a autoridade que, na confusão daquellascena, dizia lá comsigo: Que espiga!

A mulher, que ao contrario do outro ou da outra, é toda mulher, com excepção do braço que é de homem, foi enfim conduzida á Policia, desarmada.

O barulho, em que se confundirão, não fraternalmente, as barbas do milho e as da autoridade, veio demonstrar mais uma vez que a força da Policia é muitas vezes uma fraqueza.

Desses tres casos se infere que neste mundo de illusões uma pessoa quando menos espera, encontra o que a linguagem popular denomina uma espiga. Que o digão: os passageiros dos *bonds* que se encontrãrão, o pai de

familia maravilhado com a sua descoberta, e a autoridade espantada por ser espancada.

E não foi só no sentido figurado que o inspector encontrou uma forte espiga.

De um general que durante a batalha se escondeu em um moinho, disserão que em vez de sahiralli coberto de gloria saho coberto de farinha.

O inspectorsaio coberto de folhas, barbas, grãos, e espigas de milho: quem o vioapréslecombat, juraria que elle regressava de um milharal e não de uma diligencia.

O milho verde é excellente, mas não assim; em cangica, come-se bem, mas em sova é difficil de engolir. Que o diga o distinctoinspector que não poderá ver mais com bons olhos o innocente milho, nem sob a fórma de fubá. Para vingar-se do vegetal que oppoz a sua espiga á vara da autoridade, e ao mesmo tempo para ganhar forças, elle deve, porém, usar sempre do milho, assado, em angú, em papa, em mingáo, de todos os modos em fim, excepto pela receita da mulher.

É um bom meio de castigar aquelle instrumento de feminina colera: arrancar-lhe com furor as barbas, e com requintes de perversidade os grãos, assa-lo na brasa inquisitorial de um fogareiro; applicar-lhe a pena de Talião, esfregando-o de encontro a um ralo feroz, e moendo-o para que elle saiba que com a autoridade não se brinca.

C.A.¹⁴

O curinga nessa narrativa é o que ri (ou o risível) a “distrahir-nos o espírito”, através do que engana “neste mundo de illusões”, o caótico: é a louca em “feminina colera” que deve ser parada pelo “inspector”, pela “Policia” e pela “brasa inquisitorial”. O caractere-curinga ocorre na ausência de documentação, no nome civil da pessoa “mulher-espiga-de-milho” que não se encontra documentado ou na ausência de materialidades que referenciem sua identidade de alguma forma. Nessa narrativa, a pessoa não chega a ser pessoa, já que houve a ausência de identificação por objetificação metamórfica: a pessoa, ininteligível, mas nem por isso menos “extraordinária”, “não menos interessante”, torna-se uma espiga-de-milho.

A produção corporal foi feita por meio de “folhas, barbas, grãos, e espigas de milho” – elementos dispersos e fragmentados, mas que compõem ora a extensões corporais, ora a objetos confusos, como em “arrancar-lhe com furor as barbas”, ou seja, pêlos faciais ou pêlos da espiga-de-milho, e “com requintes de perversidade os grãos”, ou seja, prótese genital ou grãos da espiga-de-milho. A “espiga-de-milho”, por outro lado, torna-se ora a referência a elementos da produção corporal, ora a prótese como extensão do corpo, ora o próprio ser por Transmetamorfose. Nessa notícia do “DIA A DIA” há uma vivência corpo e gênero variante cotidiana. Por fim, pode-se perceber igualmente narrativas biologizantes no relato, em expressões que assignam partes do

¹⁴ Notícia do Jornal do Commercio (RJ), publicada no Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1897, edição n. 10. *Esse texto trata, também, da invisibilidade histórica de homens trans, pessoas transmasculinas e pessoas trans AFAB, e produzir uma ética citacional desse grupo é uma das ferramentas de justiça epistêmica anti-colonial e de tracejo histórico das nossas vivências e produções.*

corpo à gêneros específicos, como em “braço que é de homem”, e assignam a pessoa corporalmente à categoria única de “mulher”.

As maneiras e limites da produção de dizibilidade nesses enunciados são regidos por algumas normativas:

Mas foram as Ordenações Filipinas que tiveram importância maior, por terem sido aplicadas entre nós durante mais de dois séculos. As Filipinas continuaram vigorando ainda no Brasil independente, adaptadas para a Constituição do Império, com as necessárias atualizações, em 1823. No seu Código Penal, contido no Livro V, o capítulo XIII tratava das pessoas “que cometem pecado de sodomia e com alimárias (animais)”. Nele se determinava que “toda pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado, e feito por fogo em pó, para que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memória, e todos seus bens sejam confiscados para a Coroa de nosso Reino, posto que tenha descendentes; pelo mesmo caso seus filhos e netos ficarão inábeis e infames, assim como os daqueles que cometeram crime de Lesa Majestade”. (...) No Brasil Colônia, havia ainda a jurisdição eclesiástica, com constituições próprias, distintas tanto da Justiça secular quanto do Tribunal da Inquisição. (...) [E]ssas Constituições — (...) continuaram vigorando até 1900. No Código Penal Republicano [1890], o travestismo era contravenção: determinava-se a punição de 15 a 60 dias de prisão para quem tomasse “trajos impróprios de seu sexo” e os trouxesse “publicamente para enganar”! (TREVISAN, 2000. p. 82-84).

Essa contravenção penal, junto do assombro que o fato de 1897 causou, possivelmente facilitou a conservação desses enunciados com o objetivo de marcar exemplo à população do que não deve ser feito, do “bom meio de castigar” com “requisites de perversidade”. Nenhuma pessoa deseja ser assada na “brasa inquisitorial de um fogareiro”, ser esfregada em “um ralo feroz” e ser moída. A validação das inscrições dos enunciados se deu pela veiculação dos mesmos em jornal de alta circulação. A reativação aqui se deu parcialmente, não sendo reproduzido neste artigo todo o conteúdo da página, apenas o da notícia em que há uma pessoa do grupo focal. Por último, meu texto pretende (re)escrever essas produções de memória, oferecendo a essas vivências novas perspectivas históricas, o que se configura em disputas por domínios discursivos.

A segunda notícia que analiso aqui é de 1939, no estado do Rio Grande do Sul, e refere-se a um dos primeiros homens transgêneros no Brasil a realizar cirurgia de afirmação de gênero. O discurso foca o processo de modificação corporal de Vasconcelos:

A MULHER virou “homem”

PORTO ALEGRE, 26 – A menina Almerinda Vasconcelos submeteu-se a uma operação em Bagé, mudando de sexo.

A imprensa procurou o novo “homem” e pediu-lhe suas impressões, respondendo “êle” às primeiras perguntas:

– Sempre foi meu maior desejo ser homem. Queria ter uma esposa. Uma casa, de onde eu pudesse sair e entrar quando quizesse. Pensava sempre, que, quando isso alcançasse, seria feliz, seria feliz, felicíssimo. E hoje já me encontro envolvido nessa felicidade. Hoje, mais do que nunca dou valor á vida, sei quanto vale um homem, principalmente um homem de bem, o que pretendo ser.¹⁵

O caractere-curinga ocorre nessa mídia através da dubiedade na atribuição de gênero à Vasconcelos e à criação de camuflagens, que tornam a vivência objetificada irrisória ou indistinta no ambiente narrativo que a atravessa – por políticas interesse excessivo que beiram o desinteresse, configuradas pela posição na folha de jornal (a notícia é a última do canto inferior direito), por sua apresentação em letras minúsculas, e pelo tamanho ínfimo da reportagem (17 linhas). O único destaque gráfico discursivo ocorreu na expressão “A MULHER”, impressa em caixa alta e negrito – o outro único título impresso com utilização do mesmo destaque gráfico é o nome do jornal.

O impresso apresenta igualmente narrativas biologizantes, que atribuem a categoria de “mulher” – em “A MULHER”, “a menina” e nas expressões entre aspas em ““êle”” e ““homem””, que pretendem afirmar a inexatidão de se referir à Vasconcelos por pronomes masculinos e pelo binômio sexo/gênero homem. Contudo, trata-se de uma narrativa de um homem trans, explicitamente, já que Vasconcelos, em sua própria narrativa, utiliza para si pronomes masculinos e refere-se a si mesmo como homem. Essa produção discursiva, em específico, pode ser disputada, portanto, como uma narrativa de vivência de um homem transgênero.

As condições de dizibilidade foram permeadas pela rapidez discursiva, já que a narrativa de Vasconcelos tomou apenas um parágrafo, no domínio do “homem de bem”. As condições de conservação são igualmente definidas pelo domínio do “homem de bem”: elas diferem da maioria das outras mídias que tenho localizado sobre homens trans, pessoas transmasculinas e/ou inconformes aos gêneros binários, já que é uma das poucas em que há um nome e uma localização para o sujeito. A validação das inscrições dos enunciados se deu igualmente pela veiculação dos mesmos em jornal de alta circulação. A reativação se deu também parcialmente, não sendo reproduzido aqui todo

¹⁵ Notícia do jornal A Gazeta (SC), publicada em Florianópolis, terça-feira, 24 de Março de 1939, ano V, edição n. 1406. *Esse texto trata, também, da invisibilidade histórica de homens trans, pessoas transmasculinas e pessoas trans AFAB, e produzir uma ética citacional desse grupo é uma das ferramentas de justiça epistêmica anti-colonial e de tracejo histórico das nossas vivências e produções.*

o conteúdo da página, apenas o da notícia em que há uma pessoa do grupo focal, em adição à uma análise gráfica comparativa à outras narrativas na página impressas. Por último, as disputas por domínios discursivos, de igual modo, se dão na medida em que os próprios objetivos do meu texto pretendem (re)escrever essas produções, oferecendo a essas vivências novas perspectivas históricas.

CORPOS TRANSFORMACIONAIS

Apresentei a metodologia da Transjardinagem, no Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), explorando a forma com que esta ferramenta pode nos permitir lançar foco sobre campos importantes nas discussões de performatividades (SCHECHNER, 2013; BUTLER, 2008). Depois explorei, através de dois documentos, um de 1897 e um de 1939, duas ocorrências envolvendo pessoas gênero inconformes AFAB e suas transontocosmoepistemologias. As duas ocorrências, de diferentes períodos históricos, reiteram a importância da Performance (SCHECHNER, 2013; BUTLER, 2008) como mecanismo de produção e transformação corporal, através de atos que podem ser transmitidos ao longo do tempo e arquivados. Essa transmissão faz parte do que Diana Taylor denomina como patrimônio cultural intangível (TAYLOR, 2011), e suas dinâmicas podem ser consideradas como políticas de arquivo vivo. As manifestações da Performance são, então, paisagens radicais na formação de arquivo vivo trans, por meio da transferência de atos de produção corporal que atravessam diversos períodos históricos.

O processo de arquivamento da transformação corporal, ocorrido nas duas produções discursivas analisadas por meio da minha proposição de Transjardinagem, é uma virada ontoepistêmica anti-colonial que produz uma paisagem radical para (re)escritas históricas corpo e gênero variantes. Diferente de outros métodos de análise de memórias produzidos pela História, a Transjardinagem é construída por meio das vias da Performance. Como tal, permite produzir novas políticas de arquivo vivo, maneiras de desarticular narrativas objetificadoras advindas de imagens metamórficas – a pessoa que vira “espiga-de-milho”, “a mulher que vira homem”, ou seja, “as coisas”, passam a ser, segundo essa perspectiva, *devir-espiga*, *devir-homem* –, ressignificando-as em novas políticas de (des)identificação, que se aproveitem de afetos como ódio, revolta e deboche são parte da criação de novas investigações corporais e ações políticas de

resistência à cisheteronorma, engendramentos que valorizam a potência de criação de novos corpos, memórias e mundos advindos da metamorfose.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Juno Nedel Mendes de. **Habitando as margens:**a patologização das identidades trans e seus efeitos no Brasil a partir do caso Mário da Silva (1949-1959). Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Global, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história do pensamento.** Ditos e Escritos II. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
_____. **Repensar a Política.** Ditos e Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies:** An introduction. New York: Routledge, 2013.

TAYLOR, Diana. Performance e patrimônio cultural intangível. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 91-103, 2011.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. São Paulo: Editora Record, 2000.